

A formação crítica de documentaristas sociais, memória e desenvolvimento local através do webdocumentário

Richardson Nicola Pontone¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o webdocumentário e a prática do trabalho em rede do documentarista social. Nossa proposta é detectar algumas produções existentes acerca do webdocumentário: como são produzidos, conceito, o princípio da participação e da interação entre o produtor e o usuário. O ponto central foi detectar os processos metodológicos das produções, a forma de organização dos realizadores e as plataformas existentes na Internet para propagação de conteúdo e engajamento por parte dos usuários.

Hoje surge mais uma mudança no campo do documentário precipitada por avanços tecnológicos. O que surge agora traz um aporte capaz de comportar todos os estilos de documentar o real preexistentes, modificando ainda a forma de organizar o conteúdo narrativo e de requisitar a participação do espectador no envolvimento com o produto. São os webdocs, documentários feitos para serem usufruídos on-line (LEVIN, 2013).

Com o advento das câmeras digitais (fotografia e vídeo), os processos de produção do audiovisual não ficaram mais restritos aos veículos e aos profissionais da área. Assim como os Irmãos Lumière fizeram no final do séc XIX, retratando o cotidiano através do recém inventado cinematógrafo, o sujeito passou, através destes outros cinematógrafos, a produzir imagem em movimento, retratar o cotidiano e, principalmente, compartilhar o conteúdo.

Entendemos que os movimentos sociais precisavam fazer um contraponto à mídia tradicional. Surge aí a possibilidade de outros pontos de vista, contar outras histórias que normalmente são

¹ Publicitário, fotógrafo e documentarista. Mestre em gestão social, educação e desenvolvimento local. Coordenador do curso de Comunicação Social e Propaganda da UEMG – Divinópolis.

relatadas de forma tradicional e oficial. Chegou o tempo da colaboração, da Internet 2.0, do sujeito que cria conteúdo e compartilha.

Dentro desta análise, detectamos o papel do realizador audiovisual atualmente e qual o lugar do audiovisual nas novas mídias. O trabalho em rede e as novas formas de propagação de conteúdo e o caráter didático deste processo na cadeia produtiva no audiovisual também estão entre os pontos estudados por este trabalho. Percebemos que é possível desenvolver, através do documentário, pelo seu caráter pedagógico, um diálogo com escolas, movimentos sociais e outras organizações que não têm acesso ou representatividade nos meios de comunicação de massa.

Na atual configuração social e cultural, em que as imagens e os meios técnicos estão cada vez mais presentes nas práticas sociais, o campo de estudo da comunicação voltou-se para a investigação das interações comunicacionais. Esta abordagem enfatiza a participação dos sujeitos como interlocutores do processo comunicativo. Portanto, não estamos interessados em abordagens que privilegiam apenas as dimensões produtivas ou de recepção.

Nesta concepção, seria ideal o sistema de comunicação que convida o espectador a explorar e a produzir possibilidades de construção de uma narrativa espacial e/ou temporal em um ambiente digital composto por sequências de imagens em movimento. Tendo este ponto em vista, apresentaremos nossa abordagem sobre as chamadas novas tecnologias e como o webdocumentário pode ser entendido neste contexto.

Buscamos não apenas compreender as possibilidades técnicas de interação com imagens digitais, mas também compreender a qualidade desta mediação. Tencionamos ainda compreender como tal experiência pode fazer transparecer a lógica deste processo comunicativo no contexto social em que vivemos e viabilizar novas formas de estruturação dos produtos distribuídos em meios digitais. Neste modelo, onde os sujeitos ocupam lugar central no processo comunicativo em ambientes hipermediáticos de natureza interativa, as tecnologias e o desenvolvimento dos processos técnicos refletem ideologias e formas de estruturação de uma lógica social.

Concentramo-nos em explorar neste artigo a educação, a memória e o desenvolvimento local. Percebemos o caráter pedagógico no documentário e a possibilidade do documentarista social ao contribuir para a realidade local por meio de sua produção e de sua investigação.

O WEBDOCUMENTÁRIO, MEMÓRIA E A FORMAÇÃO CRÍTICA DE DOCUMENTARISTAS SOCIAIS

A ideia de percurso e da necessidade de representar e mudar o mundo ao nosso redor nos inspira pertinentes observações. Neste caso, à luz das Teorias da Comunicação e da pesquisa do gênero documentário, percebemos na comunicação dos movimentos populares algo a ser discutido, como as formas existentes de exibição e propagação da informação produzida pelos movimentos sociais de caráter popular. Há também outras questões a serem levantadas: como é a distribuição e a representação da sociedade através do audiovisual nos movimentos populares e de que maneira a escola pode contribuir para o desenvolvimento local, a representatividade e a memória através da produção de documentários em ambientes interativos – o webdocumentário.

Também, na atual configuração social e cultural, em que as imagens e os meios técnicos estão cada vez mais presentes nas práticas sociais, o campo de estudo da comunicação volta-se para a investigação das interações comunicacionais. Esta abordagem enfatiza a participação dos sujeitos como interlocutores do processo comunicativo. Portanto, não estamos interessados em abordagens que privilegiam apenas as dimensões produtivas ou de recepção. Hoje é necessária uma investigação que compreenda a complexidade dos processos que se apresentam para a comunicação social, tanto no âmbito da produção como da recepção.

Nossa abordagem busca investigar o potencial e os desdobramentos da interação comunicacional que um modelo de narrativa interativa com o uso do audiovisual pode propor. Neste sentido, abordaremos o webdocumentário como um processo midiático fortemente marcado pela interlocução, no qual os sujeitos são postos em relação dialógica com autores e obras, coparticipando da produção de sentido.

Nesta concepção seria ideal o sistema de comunicação que convida o espectador a explorar e a produzir possibilidades de construção de uma narrativa espacial e/ou temporal em um ambiente digital composto por sequências de imagens em movimento.

Primeiramente apresentaremos nossa abordagem sobre as chamadas novas tecnologias e como o webdocumentário pode ser entendido neste contexto; em seguida, a caracterização dos meios digitais. Nossa análise busca diferenciar os modelos em sua dimensão comunicativa, evidenciada pela coparticipação dos sujeitos na produção de sentido. Entretanto o papel dos sujeitos,

produtores e receptores neste modelo será problematizado pelas investigações de Janet Murray (2003) e Vicente Gosciola (2003). Tais autores trazem a discussão para além da relação interativa dos sujeitos com a obra e nos ajudam a verificar a complexidade da autoria nos processos comunicativos interativos.

Neste modelo, onde os sujeitos ocupam lugar central no processo comunicativo em ambientes hipermidiáticos de natureza interativa, as tecnologias e o desenvolvimento dos processos técnicos refletem ideologias e formas de estruturação de uma lógica social. Portanto, como nos apresenta Manovich (2003), trata-se de uma maneira de ver, relacionar e dialogar com o mundo por meio de práticas que constituem a forma cultural do nosso tempo.

O WEBDOCUMENTÁRIO

As chamadas novas tecnologias não serão aqui abordadas a partir apenas de uma caracterização tecnológica, visto que o que as torna relevantes para nosso estudo não é o fato de inaugurarem interatividade ou manipulação dos conteúdos. A novidade é o rompimento com a positividade de uma ordem tradicional tida como imutável e identificada como a estrutura objetiva do mundo, na direção de uma lógica que contesta os valores clássicos, mais aberta e indefinida, onde o enunciado não determina simetricamente as significações. Estas tecnologias não inauguram, mas viabilizam a experimentação da pluralidade de significados que convivem num só significante.

Então, só faz sentido falarmos em novas tecnologias a partir de suas estruturas para compreendermos tanto como propõem a inserção dos sujeitos no processo comunicativo e os desdobramentos desta configuração. Nesta perspectiva, entendemos o sentido como resultado de um processo e não mais como algo dado que deve ser compreendido por um sujeito posicionado como espectador.

O webdocumentário vai ao encontro desta caracterização dos processos comunicativos contemporâneos. Identificar suas características constituintes nos ajuda a compreender o que demandam dos sujeitos nesta proposta de relação interlocutiva, que constitui sua dimensão comunicativa. Também pode ser definido como uma forma de estruturação de conteúdos audiovisuais em ambientes digitais, articulando imagens técnicas com a linguagem da hipermídia e viabilizando uma nova forma de estruturação discursiva. O webdocumentário tem um funcionamento muito próximo ao hipertexto. Porém, diferente de uma página da Internet,

que apresenta vários links simultaneamente no mesmo espaço, as oportunidades de associação aparecem e desaparecem à medida que as sequências de vídeo são reproduzidas. O link assume uma nova dimensão dentro do espaço do vídeo, sendo esta atemporal. As sequências de vídeo são reproduzidas continuamente, enquanto o usuário realiza escolhas que direcionam o desenvolvimento do fluxo audiovisual.

AUDIOVISUAL E REPRESENTATIVIDADE NAS REDES

Ultimamente, inúmeras investigações estão sendo feitas sobre ativismo. O que antes conhecíamos como militância, hoje, com a degenerescência da democracia representativa, se transformou em movimento autônomo. Uma ordem horizontal, não hierarquizada, surge. A cultura do faça-você-mesmo está tomando novas formas. O que antes seria da ordem dos interesses individuais está para o fazer coletivo. Surge então o videoativismo. Uma forma de registro não convencional, que emerge em meados dos anos 1990, muito influenciado pela geração de realizadores das décadas de 1970 e 1980. Em junho de 2014, a população pode perceber mais fortemente, através das redes sociais, os inúmeros registros, compartilhados e distribuídos.

Nosso mundo, nossa dimensão, encontram-se fortemente atrelados aos meios de comunicação. Thompson (1995, p. 285) destaca que, na contemporaneidade, “o conhecimento que nós temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia”. Assim, percebemos a esfera dos meios de comunicação como o espaço público midiático, que confere visibilidade aos acontecimentos sociais. Aparecer neste espaço significa, na atualidade, aparecer na esfera pública, inserir-se no campo do que é visível e compartilhado socialmente.

Os projetos de comunicação comunitária surgem da percepção, pelos grupos e entidades da sociedade civil, da necessidade de conquistar possibilidades de visibilidade e memória no espaço público midiático. Nestes projetos, as mídias são percebidas não só como espaços de visibilidade pública, mas também – e principalmente – como espaços para ocupação e debate públicos. A proposta é a efetivação da garantia do direito à livre expressão. Assim, a comunidade envolvida é convidada a produzir mensagens através dos meios de comunicação.

As iniciativas em curso hoje no Brasil dão ênfase à ideia de

mobilizar pessoas e grupos através da mídia. Santoro (1989, p. 38) demonstra que uma animação social e cultural utiliza os meios eletrônicos para colocar em movimento uma vila, um bairro ou mesmo um grupo. Isto implica, de uma parte, na vontade de colocar as pessoas em relação umas com as outras; de outra, em ajudá-las a descobrir, a exprimir, a discutir e resolver problemas que elas encontram” (Santoro,1989, p.38). Mais uma vez, através das manifestações de junho de 2013 no Brasil, percebemos toda esta movimentação.

ENTENDER O MEIO

Para a formulação e criação em um meio comunitário o grupo envolvido tem que conhecer os processos, ou seja, o discurso do veículo em questão. Sendo assim, o início de uma experiência de comunicação comunitária geralmente é marcado por atividades elaboradas por uma equipe de comunicadores e educadores, que realiza, junto ao grupo, exercícios de criação ao longo dos quais são apresentados os elementos que constituem a linguagem e o processo de produção na mídia.

No sentido de ousar inventar novas linguagens, podemos partir para uma perspectiva experimental, reinventado assim a linguagem da mídia, extrapolando os discursos convencionais. Por outro lado, pode ter um outro sentido, o de provar o gosto de produzir a informação. Ao degustar a mídia, a comunidade entende seus mecanismos e sua estrutura.

É neste momento que percebemos a colaboração da escola e a posição do educador, neste processo. Podemos ir um pouco mais além ao elaborar o conteúdo e as vivências das disciplinas do ensino fundamental II e médio para exemplificar uma série de questões que estão em nosso cotidiano. O professor de determinada disciplina pode estimular seus alunos na produção de trabalhos audiovisuais e relacionar com outras disciplinas e, conseqüentemente, ao seu meio social. Neste aspecto, há uma grande possibilidade de trazer os fundamentos de interdisciplinaridade para a escola e a prática no meio social em consonância com o tempo histórico que vivemos.

O diálogo entre os campos da educação e da comunicação não é exatamente novo. Paulo Freire (2011) considerava, por exemplo, os dois processos semelhantes. Para ele, comunicar era uma atribuição básica do educar. O educar seria, então, uma comunicação específica. Freire afirmava que o verdadeiro objetivo da educação

é transformar o mundo. Aprender a ler é aprender a entender o mundo, isto é, ter acesso aos tesouros de toda a literatura, a todo conhecimento produzido e registrado de forma escrita. E aprender a escrever significa mudar esse mundo, isto é, imprimir nele sua própria experiência, seu ponto de vista, sua opinião. Uma vez comunicada esta palavra, o mundo já não é mais aquele de alguns instantes atrás: sua ação já agiu sobre ele, já o mudou.

MÍDIA PROCESSO

Este jovem, amparado por estes elementos trabalhados na escola, pode levar para a sua comunidade o que Daniel Brazil (1992, p.14) conceitua como mídia processo: “determinada comunidade ou grupo utiliza de forma sistemática o vídeo como elemento de integração [...] em uma produção em geral coletiva, que busca atender seus interesses”. Todo o processo de criação é coletivo. A escolha dos temas, a linguagem abordada tem tanta ou mais importância que os produtos realizados. Na criação coletiva, o grupo precisa apropriar-se da tecnologia e definir o que e como mostrar/dizer. Ao longo do processo são criados espaços, tanto em escolas como em outros ambientes comunitários, onde é possível descobrir e trabalhar coletivamente as questões dispersas no cotidiano, redimensionando o olhar sobre tais questões. Esse processo, tão importante quanto o produto final, torna possível o surgimento de novas identidades e de novas perspectivas de ação política individual e coletiva.

A prática e a teoria trabalham de forma integrada nesses processos. Neste sentido, o processo de produção tem, portanto, um papel formativo da maior importância. O produto final não é o objetivo maior. O objetivo maior é experimentar coletivamente. A comunidade descobre a linguagem, os aspectos técnicos, as negociações entre os atores na medida em que cria a sua própria mídia. Enfim, o termo mídia processo diz respeito a esta metodologia de produção midiática que tem como fundamento a experimentação coletiva.

O DOCUMENTARISTA SOCIAL

Na Grécia antiga, o termo cidadania consiste no direito de participar dos processos coletivos de decisão dos destinos da cidade. A cidadania não está ligada somente ao “direito de ter direitos” ou à questão básica do acesso a uma vida digna. O termo

cidadão deriva da palavra latina *civita* que significa cidade e que tem como correlato o grego *politikos* – aquele que vive na cidade.

Vivemos em tempos mediados e midiaticizados. Com as novas relações de trabalho, surge então, uma nova divisão. Qual o tempo necessário para a crítica e o esclarecimento? Qual o papel dos meios e das práticas comunicacionais? Qual a função da escola na formação deste cidadão audiovisual? Estamos reduzidos a uma mídia corporativa e reducionista onde tudo é espetáculo. É a barbárie pela barbárie ou o caos pelo espetáculo. Em nossas salas convivemos com estas corporações, em um jogo sensacionalista, como, por exemplo, a cobertura da tragédia de Santa Maria/RS, em janeiro de 2013, quando 240 jovens morreram em um incêndio de uma casa noturna, e o esvaziamento da crítica ao colocar no lugar comum as manifestações sociais e o vandalismo.

Na Primavera de 1968, na França, Jean-Luc Godard acenou para um cinema de ruptura. O mundo estava em mudanças. Era um período de Guerra Fria em que as instituições de ensino estavam sofrendo uma forte pressão para mudanças em seus projetos. Em razão disso, os estudantes franceses se rebelaram e criaram um embate, propuseram uma ruptura ao sistema de ensino instalado por Charles De Gaulle, influenciado pela política norte americana. No Brasil, influenciado por estas rupturas, surge o Cinema Novo em que se destacavam, entre outros, Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, além do Cinema Marginal, representado por Carlos Reichenbach, Rogério Sganzerla e Paulo César Pereio. Os ventos da contracultura provocaram a necessidade de exercer o exercício das rupturas.

O processo de produção de vídeo sofreu uma forte influência destas ações, sobretudo, na cobertura de manifestações. Com o advento do vídeo digital e de novos processos de produção e pós-produção, surge o que denominamos de documentarista social. Os limites do documentarista e ativista se misturam, perdendo-se os limites entre o ativista que está gravando e o ativista que está participando da manifestação.

O videoativista e documentarista social crítico surgem neste momento como sujeitos históricos a registrar o conceito de justiça social. Através do registro de imagens é possível proporcionar o debate, construir uma rede de relações contrárias às políticas públicas comandadas por uma minoria. Neste contexto, a formação se faz necessária para estimular a comunidade, promovendo a capacitação e o desenvolvimento de grupos excluídos do acesso da produção e acesso à informação contribuindo para a democratização

do conhecimento. A organização autônoma e horizontal na produção de documentários tem grande possibilidade de expressar a vontade dos movimentos sociais de caráter popular.

O documentarista social tem um papel fundamental na ajuda a estes movimentos, produzindo documentários que eles necessitam em sua organização e/ou formação dos grupos a produzirem sua própria comunicação. No final do século XX, temos uma explosão na produção de documentários com ênfase nos acontecimentos sociais em virtude das novas tecnologias de informação e comunicação: câmeras digitais, smartphones, tablets e a Internet - neste caso, meio essencial na distribuição e organização das redes.

O DIÁLOGO E A INTERATIVIDADE

Para Bakhtin (2010), o ser só se constitui enquanto sujeito quando se coloca em relação a outro no processo de interação social. Este processo se dá a partir da linguagem como ambiente de troca ideológica. O documentário permite, através do diálogo, estabelecer esta troca, constituindo elemento chave do ser/sujeito. Fernando Ramos (2008) salienta que o diálogo é o elemento constituidor do sujeito e aponta que o cinema documentário parte de uma relação dupla constituidora de sujeitos personagens/documentaristas que, ao estabelecerem na linguagem esse universo formador e constituidor, vão constituir os alicerces para a criação de uma obra artística (o filme documental), para uma relação tripla de interação formadora, através da fruição (personagem/documentarista/espectador).

No webdocumentário, estes três sujeitos - personagem, documentarista e espectador - estabelecerão trocas intensas e processos de significação, aprendizagem, emoção e descobertas através da interatividade. Percebemos que a linguagem do documentário está presente e não é anulada. Na Internet, temos ferramentas que proporcionam estes elementos interativos e o mais importante, o trabalho em rede. O documentarista passa a não ser mais o sujeito único quando canais são abertos para produções colaborativas. É possível que o usuário também, ao compartilhar o evento, torne-se documentarista agregando seu ponto de vista através de textos, fotos e vídeos.

Segundo Oliver Crou (2010), pelo neologismo webdocumentário designamos um documentário cuja concepção e realização são feitas para a web e que é difundido pela web. Não se trata de um documentário de formato televisivo ou cinematográfico, de

narração linear, que encontra na Internet um enésimo espaço de difusão, mas um tipo de prolongamento do que foram os CD-ROMs ou DVD-ROMs: uma obra que utiliza as tecnologias da web e seus diferentes recursos multimídia. O modo de narração dos webdocumentários é concebido de maneira que o leitor/espectador navegue pela interface de forma totalmente delinearizada. É ele quem conceberá de maneira única seu percurso pelo webdocumentário.

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação ao longo dos últimos anos conduziram o filme documentário a um cenário de plena mutação. Do ponto de vista da criação, o barateamento dos equipamentos de captação e edição de imagens em movimento tem ajudado um número cada vez maior de autores e realizadores a colocar em prática novos projetos. Em uma outra ponta no processo de produção da cadeia produtiva de produção documental, encontram-se novas formas de distribuição e difusão. Alguns elementos contribuíram para que houvesse novas formas de um trabalho atingir o público, além dos tradicionais espaços, como o cinema e a televisão: aumento da banda da Internet, Redes Sociais, crescimento do uso de mídias móveis, locativas e o olhar e prática das novas gerações pós Tv e Cinema. No entanto, como se trata de um cenário em constante evolução, qualquer análise que se faça neste momento captará “uma imagem em movimento dos modelos de criação, produção e difusão do documentário no meio ambiente atual das plataformas digitais” (Observatoire du Documentaire, 2011, p. 2).

A OFICINA

Ao desenvolver um produto audiovisual resultado de uma oficina de mídias digitais e produção audiovisual para jovens de diferentes regiões, é possível contribuir para o desenvolvimento local através das novas tecnologias de informação e comunicação. Neste caso, temos como parâmetro o gênero documentário. Para tanto, usaremos o webdocumentário por se tratar de uma plataforma colaborativa que preserva a estrutura do documentário em parceria com as ferramentas presentes nas mídias digitais, no audiovisual e na Internet.

O projeto tem como público-alvo jovens em situação de vulnerabilidade social e visa, em sua primeira fase, contribuir para transformá-los em realizadores audiovisuais através da oficina e na lógica do trabalho em rede, contribuindo, assim, na promoção

do desenvolvimento local. Através deste trabalho, em cada localidade, os realizadores em contato com outros, trabalharão na realização de um produto audiovisual interativo, o webdocumentário.

Entendemos que a prática, especialmente aquelas que trabalham com a interação entre audiovisual e novas mídias através de oficinas está cada vez mais presente na vida dos educadores. Com esse olhar, acreditamos que os momentos e espaços de formação possibilitam aos envolvidos apropriação e troca de conhecimentos e saberes, bem como reflexão sobre a prática pedagógica, elemento organizador e norteador das ações vivenciadas na escola e fora dela.

Na oficina de mídias digitais e produção audiovisual elaboradas a partir desta pesquisa, os jovens terão acesso a linguagem de produção de webdocumentário. A ideia é dividir a oficina em duas partes: A primeira vai tratar dos elementos presentes no audiovisual e sua cadeia produtiva: produção, roteiro, fotografia, edição e fundamentos de direção. Com a análise de filmes, aulas teóricas sobre modos de expressão fotográfica e cinematográfica, construção de roteiros de captação, argumentos, manipulação da câmera e de equipamento de áudio portátil e saídas planejadas para pesquisa e gravação, a oficina pretende desvendar o imaginário e as realidades, que se constituem nas principais matérias da prática documental. Nesta primeira parte, trataremos da pesquisa, pré-produção, locações, equipamentos utilizados.

Práticas e técnicas de roteiro também serão empregadas desde a investigação do perfil de um personagem (mesmo que no documentário não ocorra, a princípio), conceito de sequência e planos. A fotografia é a unidade visual do conteúdo. Técnicas de iluminação para estúdios, externas e equipamentos específicos. De forma simplificada, os fundamentos de direção capacitam o realizador quanto a como se portar em uma gravação, desde a abordagem do entrevistado até o tipo de enquadramento, movimento de câmera e fotografia presentes no conteúdo da obra. E, por fim, nesta fase, temos princípios básicos de edição que serão imprescindíveis no processo de seleção (decupagem) das cenas e falas dos personagens. Alguns softwares básicos de edição para as três plataformas existentes (Mac, Windows e Linux) também serão apresentados (FIG. 1).

Nesta segunda etapa apresentaremos formas de como elaborar projetos com a ideia inicial, descrição do objeto, técnicas de abordagem e o uso das mídias digitais em ambientes hipermídia, redes sociais e outras plataformas colaborativas como descrita no quadro “Plano de ensino de mídias digitais” (FIG. 2).

Através das oficinas, procuraremos fomentar o conhecimento do documentário para o público envolvido e proporcionar a instrumentação técnica necessária para a construção de narrativas documentais que tenham correlação com a realidade coletiva comum de cada comunidade participante. Em um tempo em que temos acessos a inúmeros dispositivos para captação da imagem em movimento, observamos pouco conhecimento do vídeo como ferramenta e extensão para produção e reflexão acerca das representações que envolvem o cotidiano e a história do jovem. Por outro lado, há o interesse comum por desvendar essa história e colocar a mão na câmera. Sendo assim, uma oficina teórica e prática, que visa à formação do olhar, atende aos anseios de se reconstruírem realidades e histórias de vida e contribuem para o desenvolvimento local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento das novas tecnologias mais acessíveis e mais baratas, é possível produzir conteúdo audiovisual de uma forma mais econômica em termos de produção. Aliada a isso, as mídias digitais estão desempenhando um papel muito importante na resignificação de todo este conteúdo oriundo do cinema, rádio e TV. Com a web 2.0, o usuário passou a produzir o próprio conteúdo desde a produção e publicação de sites sem que seja necessário conhecer programação, passando por publicação de fotos, hipertextos e vídeos.

Todo este procedimento é possível sem a necessidade de concessões ou autorizações governamentais prévias. A população tem em mãos a possibilidade de produzir seu próprio conteúdo e, de uma forma quase instantânea, publicar, opinar e, por que não, contar a sua própria história e compartilhar as memórias de sua localidade, território. Assim como a geração anterior conheceu a TV, o controle remoto e o vídeo cassete, as atuais têm acesso a um mundo hiperconectado. Por outro lado, uma parte da população não mais se sente representada pelos veículos tradicionais de comunicação e busca na Internet uma aliada na propagação e distribuição de seus conteúdos.

A nova configuração dos movimentos sociais, organizados em grande parte por jovens, começa a produzir sua própria história, o seu ponto de vista, desde a história de uma rua até uma comunidade quilombola que por muitas vezes são esquecidos pela mídia tradicional. Alguns gêneros do audiovisual que até então só eram

conhecidos através de TV's educativas e/ou comunitárias e festivais de cinema e vídeo, agora estão disponíveis na web. Neste sentido, aliado às novas plataformas, criaram-se novas formas de exibição, engajamento e interação. Todo este repertório trouxe-nos a reflexão sobre o papel do documentário, ou melhor, como produzi-lo e transformá-lo em um produto interativo usando as ferramentas existentes nas novas tecnologias de informação e comunicação.

Apresentamos o webdocumentário como um novo gênero, que surge com a evolução das novas tecnologias. O mesmo tem como diferencial sua forma de estruturação aberta e inclusiva de narrativas distintas sobre um mesmo tema. Além de ser composto por vídeo, o webdocumentário também pode reunir informações em diferentes formatos: textos, áudios, fotos, ilustrações e animações. Com isso, é possível, por exemplo, edição online e compartilhada, ao assistir uma obra, podemos definir a sequência e realizar escolhas que nos direcionam ao desenvolvimento do fluxo audiovisual. Ao agregarmos informações, deixamos de ser espectadores, participamos da própria produção de conteúdo e assumimos, assim, o posto de coautores.

Mesmo o valor social não devendo ser característica principal em um documentário, ele é notado na maioria deles nos últimos tempos. Podemos recorrer a John Grierson para reforçar a ideia de que o documentário é uma das mais importantes formas de educar a sociedade. Compreendemos que é essencial para contribuir na solução dos problemas sociais a possibilidade de divulgação dessas dificuldades para a própria sociedade. O potencial educacional do documentário é muito considerável, capaz de despertar noções básicas de conduta na sociedade. Mais do que pensar em uma definição conceitual para o gênero em questão, deve-se também, em igual importância, pensar na função original do documentarista e o seu potencial educativo.

Com o avanço da tecnologia digital, o webdocumentário vai se definindo como gênero do mundo atual e se mostra capaz de oferecer uma extensa opção de conhecimentos, contribuindo assim, para o desenvolvimento da sociedade. Diante deste fato, apresentamos como projeto uma oficina de produção audiovisual e novas mídias a fim de auxiliar na produção de um webdocumentário.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail / Volochinov. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRAZIL, Daniel. Vídeo: uso e função. In: *Boletim Vídeo Popular, da Associação Brasileira de Vídeo Popular, nº 15*. São Paulo: ABVP (2011).

BURCH, Noel. *Práxis do cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CASTELLS, Manuel. "The Networked City: Réseaux, espace, société.", *EspacesTemps.net, Textuel*, 2009.

CENTRE NATIONAL DU CINEMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE (CNC), França (2009) – "Aide aux projets pour les nouveaux médias, le cinéma et la télévision: 2007-2009 – Project retenus"

CROU, Oliver. *Qu'est-ce que le webdocumentaire?* WEBDOCU.fr, 2010;

DAYRELL, Juarez. TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José Miguel de Souza. Orgs). *A juventude vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DOWNING, John D. H.. *Mídia Radical*, SENAC, SP, 2002.

EISENSTEIN, Serguei. *A forma do Filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FERREIRA, Sandra Lúcia. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: ____. *Práticas interdisciplinaridades na escola*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Paulo. *Educar com a Mídia – Novos diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAUDREAU, André e JOST, Francois. *A narrativa cinematográfica*. Brasília, UNB, 2011.

GAUTHIER, Guy. *O documentário um outro cinema*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas mídias: do game à TV interativa*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.

LEMONS, André. *Mídias Locativas e Territórios Informativos*. SP, 2007.

MACHADO, Arlindo. *Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo, Itaú Cultural, 2007.

MANOVICH, Lev. *The language of the new media*. MIT Press: London, 2003.

MESQUITA, Rui G. M. *Movimentos sociais e escola pública: uma metodologia para analisar projetos político-pedagógicos antagônicos*. Educação e Realidade, Porto Alegre, 2010.

MESQUITA, Rui G. M. *Projeto didático para a construção de documentário: uma possibilidade de experiência popular em escolas públicas /Recife*: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MURRAY, Janet. *Hamlet no Holodek o futuro da narrativa no ciberespaço*; tradução Elisa Khoury Daher, Marcelo Fernandes Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp 2003.

- MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro, RJ, Zahar, 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*, 4 ed.. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- NUNES, Pedro. *Mídias Digitais & interatividade*. Paraíba: Editora UFPB, 2009.
- RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal o que é mesmo documentário?* SENAC: SP, 2012.
- SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- SALWAY Andrew and XU Yan. *Navigating Stories in Films*. School of Electronics and Physical Sciences Department of Computing, 2004.
- SAWHNEY, N., D. BALCOM. and I. Smith, HyperCafe: Narrative and Aesthetic Properties of Hypervideo. *In Proc. Hypertext '96*, ACM, 1996.
- SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
- SAQUET, Marcos Aurélio e SOUZA, Edson Belo Clement. *Leituras do conceito de território e processos espaciais*. São Paulo: SP, 2009.
- WOHLGEMUTH, Julio. *Vídeo educativo – uma pedagogia audiovisual*. DF: SENAC
- WOOD, David. *Como as crianças pensam e aprendem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FIGURA 1: PLANO DE ENSINO PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

CARGA HORÁRIA		
CH/Mês	CH/Semana	
30	04	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade	Subunidades	CH
I – O audiovisual	<ul style="list-style-type: none"> - Produção; - Técnicas; - Fotografia; - Roteiro; - Edição; - Direção 	15
II – Planejamento e pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Antropologia, história e construção da imagem; - Roteiro / Planejamento; - Pesquisa de campo; - Roteiro para Hipermídia 	10
III – Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas de abordagem; - Decupagem; - Tratamento; - Produção; 	
IV – Pós-produção	<ul style="list-style-type: none"> - Segunda decupagem; - Exportar / finalização de arquivos. 	5
ESTRUTURA DE APOIO		
Câmera, microfones, tripé, som, projetor e ilha de edição(*) (**)		
METODOLOGIA		
Aulas Expositivas, Estudos filmografia, Exercícios e produção (produto).		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
EISENSTEIN, Sergei – O Sentido do Filme. Zahar: RJ, 2009 EISENSTEIN, Sergei – A forma do Filme. Zahar: RJ, 2009 GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para as Novas Mídias – Do cinema às mídias interativas. SENAC: SP, 2008 NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papirus: SP, 2005. RAMOS, Fernão Pessoa – Mas afinal o que é mesmo documentário? SENAC: SP 2012 RUSH, Michael. Novas Mídias na arte contemporânea. Martins Fontes: SP, 2006.		

FIGURA 2: PLANO DE ENSINO MÍDIAS DIGITAIS

PLANO DE ENSINO		
Oficina	Guia de produção de documentários	
Professor	Richardson Nicola Pontone	
CARGA HORÁRIA		
CH/Mês	CH/Semana	
30	04	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade	Subunidades	CH
I – O planejamento	<ul style="list-style-type: none"> - A ideia; - O roteiro; - Argumento; - Pesquisa; - Pré-produção - Produção - Elaboração do projeto 	10
II – Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Hipermídia; - Estrutura; - Técnicas de abordagem; 	10
III – Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas de abordagem; - Decupagem; - Tratamento; - Produção; 	
IV – Mídias Digitais	<ul style="list-style-type: none"> - Análise crítica das mídias digitais - Roteiro para Hipermídia, - Internet, redes sociais 	10
ESTRUTURA DE APOIO		
Laboratório de informática e projetor multimídia		
METODOLOGIA		
Aulas Expositivas, Estudos filmografia, Exercícios e produção (produto).		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para as Novas Mídias – Do cinema às mídias interativas. SENAC: SP, 2008 LEÃO, Lúcia O chip e o caleidoscópio – Reflexões sobre as novas mídias. SENAC: SP, 2009 NUNES, Pedro – Mídias Digitais e interatividade. UFPB: PB 2009 RUSH, Michael. Novas Mídias na arte contemporânea. Martins Fontes: SP, 2006.		
